

"O escafandro e a borboleta": uma reflexão crítica sobre o corpo

LEONARDO MAGELA LOPES MATOSO*

Resumo

A intencionalidade primordial desta resenha é fazer uma reflexão acerca do filme "O Escafandro e a Borboleta" (2007) e as condutas que os profissionais da saúde realizam diante dos corpos hospitalizados. O longa-metragem é baseado numa história real sobre o ex-editor da revista francesa Elle, Jean-Dominique Bauby, que aos 43 anos teve um súbito acidente vascular cerebral que desencadeou uma paralisia em que o único movimento no corpo limitava-se à pálpebra do olho esquerdo. Buscou-se na história de Bauby respaldo para se fazer uma reflexão exemplificada dos valores do corpo e de como este é conduzido no ambiente hospitalar.

Palavras-chave: Valores; Escafandro; Sentido da Vida.

Academic critical review: "*The diving bell and the butterfly*"

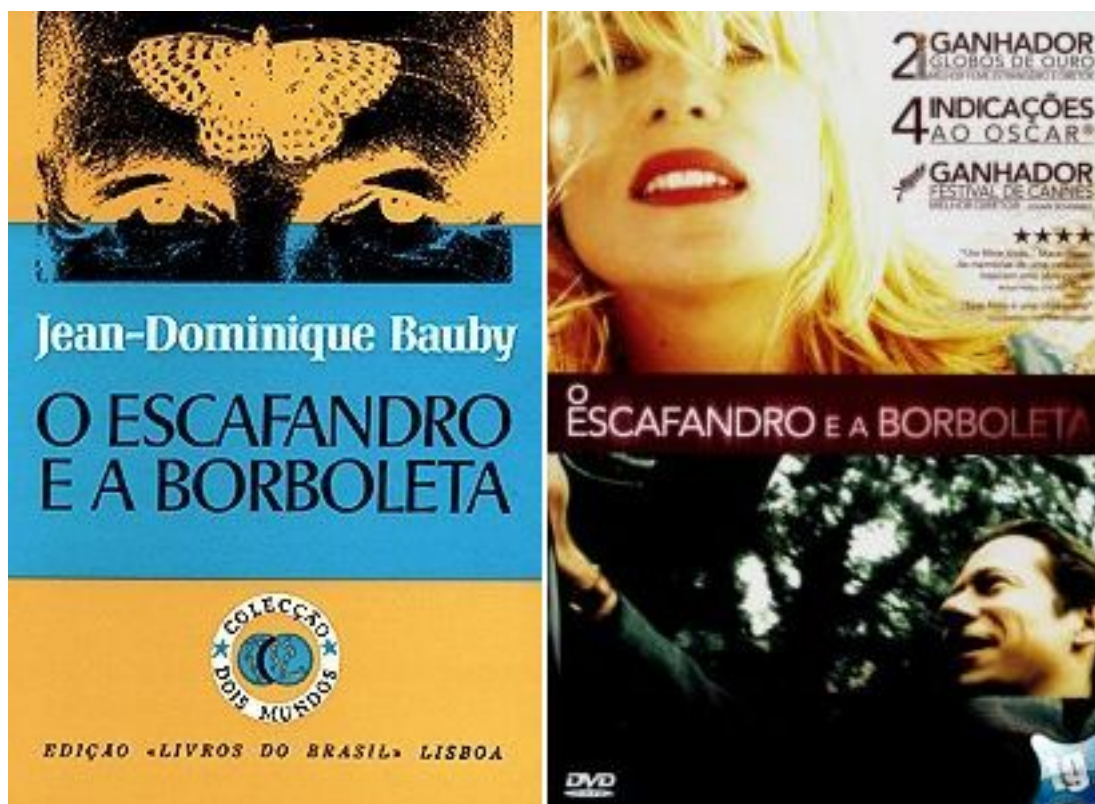
Abstract

The primary intent of this review is to reflect on the film "The Diving Bell and the Butterfly" (2007) and behaviors that health professionals perform before the bodies hospitalized. The film is based on real factor and tells the story of the former editor of French Elle magazine, Jean-Dominique Bauby, who at age 43 had a sudden stroke that triggered a paralysis in which the only movement in the body limited to the eyelid of the left eye. Sought in the story of Bauby backing to make a reflection of values exemplified in the body and how it is conducted in a hospital setting.

Key words: Values; Aqualung; Meaning of Life.



* **LEONARDO MAGELA LOPES MATOSO** é acadêmico do curso de Enfermagem na Universidade Potiguar-UnP, campus Mossoró, e bolsista do COHM/CNPq.



O Escafandro e a Borboleta é um drama baseado em uma história real que mostra um pouco da vida de Jean-Dominique Bauby, um homem conceituado, talentoso, ativo e sedutor, que encontrou forças inimagináveis para superar seus problemas diante de uma doença esterecedora.

Bauby era um jornalista bem sucedido e redator chefe da revista francesa *Elle*¹. Era divorciado e pai de três filhos e vivia em um mundo de ostentações, apreciando bons livros, bons pratos, carros luxuosos e mulheres bonitas. Porém, em dezembro de 1995, aos 43 anos de idade, enquanto passeava com seu filho mais velho, sofreu

um Acidente Vascular Cerebral (AVC)² que causou uma drástica transformação em sua vida.

Os minutos iniciais do filme revelam diversos raios-x mostrando estruturas corporais paralisadas e algumas atrofiadas, que, mas tarde descobriremos se tratar da doença de Bauby. Entre cortes e jogos de luzes, a primeira cena revela a ótica subjetiva a partir do olho esquerdo de Bauby, tentando compreender a onde estava e o que havia acontecido, logo após sofrer o derrame.

Bauby estava internado em um hospital Naval de Berck, na França, e recobrou a consciência após permanecer em coma profundo por vinte dias. No entanto,

¹ É uma revista feminina de moda francesa, publicada pela Hachette Filipacchi desde 1945. É a maior revista de moda do mundo, com 42 edições em mais de 60 países. Mensalmente publica trabalhos de estilistas, escritores, fotógrafos e designers dentro de uma perspectiva sofisticada do mundo da moda, da beleza e da cultura pop.

² O acidente vascular cerebral, ou derrame cerebral, ocorre quando há um entupimento ou o rompimento dos vasos que levam sangue ao cérebro provocando a paralisia da área cerebral que ficou sem circulação sanguínea adequada (AMORA, 2009).

encontrava-se com todas as suas funções motoras perdidas, não conseguia realizar suas necessidades básicas, passando a respirar e se alimentar com ajuda de aparelhos. Os médicos realizam diversos exames neurológicos e diagnosticam a Síndrome de Locked in (LIS), que em uma tradução literal significa “trancado para dentro”, ou Síndrome do Encarceramento de acordo com a nomenclatura médica brasileira.

De acordo com Filho e Gomes (1982), a Síndrome do Encarceramento é extremamente rara e caracteriza-se pela paralisação completa dos músculos do corpo, com exceção dos músculos que controlam alguns movimentos verticais dos olhos e elevação palpebral. Isso ocorre porque as fibras eferentes provenientes do córtex cerebral não são capazes de alcançar o seu destino, pois são interrompidas na altura da ponte, levando a sintomas como tetraplegia e anartria³, com preservação da consciência e sensibilidade. Essa síndrome é caracterizada por uma incapacidade do paciente em se comunicar, embora esteja consciente e consiga pensar e raciocinar.

Enquanto tenta entender o que aconteceu com seu corpo, Bauby conhece a ortofonista Henriette e a fisioterapeuta Marie no qual revelam que seu estado de saúde é grave, porém, irão se empenhar para reverter o quadro e lhe dar uma melhor qualidade de vida. Henriette passa a fazer sessões corriqueiras com Bauby, instruindo-lhe a piscar os olhos uma vez quando quiser dizer sim e duas vezes para não. Enquanto Marie passa a fazer exercícios de deglutição e movimento corporal.

Cansado de está aprisionado no escafandro⁴ Bauby diz a Henriette que deseja morrer. Esta é uma das cenas de maior impacto no filme, pois revela o momento libertador do estar aprisionado, para o ser libertado, mesmo que essa liberdade fosse através da imaginação e dos sonhos.

Henriette: Quero morrer? Você quer morrer? Como se atreve? Existem pessoas que o amam, que se importa com você. Eu mal o conheço, mas já me importo com você. Você está vivo! Não diga que quer morrer. Isso é desrespeitoso. Obsceno. Quer continuar?

Bauby: (pisca duas vezes)

Henriette: Muito bem. Tomara que mude de ideia.

Henriette sai da sala e logo em seguida retorna.

Henriette: Desculpe.

Bauby: *Pelo quê?*

Henriette: Eu me descontrolei. Descanse.

Retirado abruptamente do mundo das aparências e da plastificação corporal, Bauby passa a viver enclausurado no seu próprio eu, no qual ele denomina de escafandro. Até que certo dia, ao conversar com Henriette sobre querer morrer; e após ver sua fisionomia distorcida em cima de uma cadeira de rodas, passa a não sentir mais pena de si mesmo, momento este em que a borboleta sai do casulo (escafandro) em busca da liberdade.

Segundo Daolio (1995) no corpo estão inscritas todas as regras, todas as normas e todos os valores de uma sociedade

³ Dificuldade ou impossibilidade de articular palavras, por efeito da paralisia de certos músculos (AMORA, 2009).

⁴ Equipamento de mergulho hermeticamente fechado que consiste em uma vestimenta impermeável provida de um aparelho respiratório que permite aos mergulhadores trabalhar debaixo de água.

específica, por ser ele o meio de contato primário do indivíduo com o ambiente que o cerca. Bauby, mesmo tendo seu corpo físico comprometido, não se deixou perder o contato com o mundo a sua volta, criando forças com a ajuda da equipe multidisciplinar e de seus amigos para seguir em frente e superar os obstáculos que a vida a essa altura lhe impôs.

O estabelecimento do processo de comunicação de Bauby ocorre de forma branda, exigindo paciência e devoção tanto por parte dele quanto de seus amigos. Porém, a partir do momento que Henriette percebe que ele era capaz de estabelecer um contato mais direto com as pessoas, ela lhe apresenta um método tortuoso, como ele mesmo relata em certo momento do filme. Ela lhe ensina a utilizar uma série de letras embaralhadas, seguindo a lógica de um alfabeto, só que em frequência de uso mais utilizado no vocábulo francês, para que facilitasse a comunicação de Bauby que passou a formar palavras e consequentemente frases.

Através do método de comunicação proposto por Henriette, Bauby percebeu que poderia expressar seus pensamentos e sentimentos através dele, vislumbrando a possibilidade de concretizar um projeto que tinha em mente antes de sofrer o AVC, que era produzir um livro. Seu real sonho seria escrever um livro sobre a vingança feminina, uma produção literária semelhante ao Conde de Monte Cristo, porém na perspectiva feminina. O filme revela isso por meio de flashes subconsciente de Bauby.

Henriette entra em contato com a editora de Bauby, sendo esse o primeiro passo para a realização do seu livro. Para auxiliar Bauby no processo de construção da obra literária, sua editora envia Claude, a pessoa responsável por ditar as letras do código e anotar a letra escolhida.

Uma das reflexões que marca o filme são as relações sociais muito presentes, como por exemplo, a relação entre pai e filho bem discutida durante a data comemorativa do Dia dos Pais, onde Bauby é levado à praia pela sua ex-esposa e seus três filhos Théophile, Céleste e Hortensie, no qual em seus pensamentos ele relata:

“Palavras não podem exprimir a dor que me corrói. Eu, o pai deles... não posso afagar seus cabelos, beliscar seus pescoços fofos... ou abraçar seus delicados e quentes corpinhos. Mas eu me alegro em vê-los ativos... espertos, sorridentes... É o que posso chamar de um belo dia” (BAUBY, 58h42m).

Percebe-se nessa cena que os valores vivenciais ressurgem novamente, pois Bauby encontra sentido no amor, e na relação com sua família. Se antes, essas relações eram de alguma maneira afetada e de pouca significância, agora era revestida de sentido e significados. Frente a essa condição, Bauby começa a fazer uma autorreflexão sobre as pequenas coisas que poderia ter aproveitado, mas que por algum motivo não foi capaz. Uma data comemorativa que nunca constou em seu calendário e que ele nunca dera valor, só que agora apreciava este dia com outros olhos. Entre suas divagações, relembra a relação com o pai, o carinho que sente por ele e como ele estaria sozinho sem a sua presença.

Ao longo do filme Bauby comenta sobre os olhares tortos que recebe dos visitantes do hospital, sobre a televisão que na maioria das vezes fica ligada 24h no mesmo canal e relata sobre devaneios que gostaria de estar flutuando nas ondas da Martinica ou estar na companhia de figuras históricas como a Imperatriz Eugênia, que em décadas atrás ficou abrigada no Hospital Naval. Podemos entender também toda a tristeza contida na impossibilidade da comunicação, que é

bem retratada em uma conversa ao telefone entre Bauby e seu pai, intermediada por Henriette.

Diante de mudanças aterradoras, a realidade de Bauby era assustadora. Outrora conseguia fazer voluntariamente todos os movimentos, podia decidir por si mesmo tudo o que quisesse só que agora não possuía mais as rédeas de sua própria vida. Detestava ser tratado como um bebê, ter sua respiração e sua alimentação aos comandos de aparelhos, ou ser banhado de forma estática e técnica, como se sua subjetividade não existisse e seu pudor fora embora assim como seus movimentos. Tudo isso mostra o quanto os profissionais foram indiferentes quanto aos seus cuidados, fazendo dele um simples objeto.

Bauby relatava a crueldade da sua atual condição, sempre expondo seus sentimentos de tristeza e constrangimento diante da reação das pessoas ao olharem para o seu corpo. Sentimentos semelhantes também lhe ocorriam nos momentos em que as enfermeiras lhe desejavam bom apetite na hora do almoço, mesmo sabendo que ele se alimentava através de uma sonda.

É bem perceptível que a maioria das ações da equipe multidisciplinar é focada em cima de um corpo limitado ao orgânico, como se houvesse apenas a necessidade de serem trabalhados os aspectos motores. É como se o sujeito fosse reduzido apenas ao corpo, não levando em consideração os aspectos emocionais, expressivos e cognitivos do indivíduo. Ou seja, Bauby foi tratado por muitos da equipe como apenas um corpo estático que precisava passar por um processo de recuperação. Porém, Henriette realiza uma conduta que acaba por sair dessa esfera onde o corpo é apenas um produto e passa a atuar em cima dos sentimentos e das emoções de Bauby.

O modelo assistencial vigente é marcado ainda por traços da biopolítica, impregnados pela tecnocracia assistencial, onde o sujeito que está doente é reduzido a um corpo biológico e não a um corpo social. O sujeito ao ser hospitalizado se afasta da sua casa, do seu cotidiano e é introduzido no mundo do hospital, com seus códigos e ritos. O corpo é então colocado em repouso, conduzido a um leito, a um quarto. Seu contato com a natureza é restringido, e ele se afasta do que é público. Assim, o corpo é isolado na doença e fica enclausurado no seu próprio sofrimento (KRUSE, 2003), ou seja, as relações construídas dentro do ambiente hospitalar, em sua maioria, se constrói na ótica do sujeito enquanto objeto, e não sujeito, enquanto sujeito.

As ideias intrínsecas acerca da concepção do corpo impregnadas no filme entram em consonância com as ideias de Braunstein & Pépin (1999), quando falam que o corpo não se revela apenas enquanto componente de elementos orgânicos, mas também enquanto fato social, psicológico, cultural e religioso. O corpo de Bauby mesmo estático encontrava-se em movimento através de métodos diferentes, e a comunicação mesmo que não verbal, ocorria através dos símbolos que seriam os gestos, neste caso específico, o piscar.

Entende-se por comunicação como sendo a troca de informações de um sujeito para o outro através de mensagens codificadas num sistemas de sinais definidos que podem ser gestos, sons, indícios, uma linguagem natural ou outros códigos que possuam um significado. Na troca de comunicação sempre haverá um emissor, um código e um receptor (AMORA, 2009). Sendo assim, o corpo está dentro da vida quotidiana, e apresenta-se dentro das relações. É um meio de comunicação, pois através de signos ligados à

linguagem e gestos, permitem a nossa comunicação com o outro.

Enquanto havia membros da equipe que praticavam uma assistência fragmentada e errônea com Bauby, não levando em conta suas potencialidades, opiniões e limitações, sendo muitas vezes irônicos, também havia aqueles que enxergavam nele a pessoa, fazendo com que o seu escafandro não fosse tão solitário.

Uma das profissionais que mais se destaca é Henriette, a quem Bauby chamava de anjo da guarda, pois foi ela quem instaurou o código de comunicação que lhe possibilitou dar voz às borboletas. Durante o processo de comunicação ela intermediava os diálogos dele por telefone, fazendo-o ser ouvido por seus entes queridos e dando voz as borboletas que surgiam como fragmentos da sua vida.

Pode-se até mesmo tecer uma analogia acerca do Escafandro e a Borboleta com o Mito da Caverna. Platão afirma que vivemos presos dentro de uma caverna e que este mundo no qual acreditamos ser verdadeiro não passa de uma cópia imperfeita (aparências) de um outro mundo perfeito, que ele chamava de mundo das ideias. No mundo das aparências permanecemos presos às ilusões, às opiniões, às imagens, às falsas realidades e às falsas promessas e que para atingirmos esse mundo ideal é preciso que alguém (filosofo) ouse por questionar e acreditar que existe outro mundo e que este, venha a romper todas as barreiras (MATOSO, 2012).

Neste caso, Bauby estava preso no mundo das aparências, ligado às coisas supérfluas, que só depois do acidente percebeu não valerem a pena. Não dava importância pra as pequenas coisas e os pequenos gestos. O simbolismo do bem material era maior dos que as pequenas relações sociais que tinha. Porém, durante

a síndrome, ele rompeu o mundo das aparências - o mundo da ilusão – e passou a visualizar um mundo “ideal”. Assumiu o papel de filósofo e passou a questionar inúmeras coisas. Percebeu que, até então, havia vivido uma vida vazia, sem que cada detalhe tivesse a riqueza que aprendeu a perceber. Durante sua vivência dentro do escafandro, percebe-se a presença da solidão, do estranhamento de si mesmo, de sentimentos de negação, de desespero e de arrependimento. Entretanto, mais do que todos esses, havia ainda, e muito vivo a autenticidade, a admiração pela vida, além da esperança e da crença na sua capacidade de amar, viver e produzir, mesmo estando preso a si mesmo e com todas as suas limitações.

Muitas vezes ele tentava ponderar seus sentimentos, para não estourar como uma panela de pressão, que, aliás, se tratava de um dos títulos da peça de teatro que ele pensava em fazer futuramente caso conseguisse sair daquele estado. Remetia-se a panela de pressão, pois vez ou outra achava que iria explodir com o turbilhão de sentimentos que lhe enchiam a cabeça.

Bauby possuía uma rotina turbulenta, geralmente acompanhada por uma equipe multidisciplinar, no qual todos os dias realizava hidroginástica, fisioterapia motora, fisioterapia linguística, banho por imersão e se comunicava com familiares, amigos e escrevia uma parte do livro com Claude ou Henriette. Muitas vezes relatava os barulhos inconvenientes do hospital, porém, detestava os finais de semana, pois o hospital ficava em silêncio, assim como ele, e sua única forma de escapar disso tudo era virando uma borboleta e voando pra longe dali.

Depois de todos os seus relatos e reflexões lá estava Bauby entre a cadeira de rodas, o leito e os corredores do hospital naval. Estava conformado em viver ali agora. Então, encerra o filme descrevendo o seu momento atual,

aguardava notícias de seus amigos que viajaram na temporada de férias e vez ou outra ficava com Claude, que lia trechos do livro que ele acabara de escrever. De algumas páginas escritas ele se orgulhava, de outros, nem tanto, mas se perguntava se todo aquele material daria um bom livro.

Relatava também, como estava sendo viver com a Síndrome de Locked In, transmitindo um ar de incertezas quanto ao futuro. Em sua viagem imóvel, Bauby queria expor suas experiências para as outras pessoas, torná-las úteis e provar, para elas e para ele mesmo, que era possível viver encarcerado, ainda que na companhia das borboletas. Escrever talvez fosse à forma que ele encontrou para compreender o que essas lhe causavam.

Jean-Dominique Bauby faleceu no mesmo ano em que a primeira edição de seu livro chegou às lojas. Sua história deixou marcas e inúmeras reflexões, podendo ser trabalhada com diversos públicos, principalmente na área da saúde. De certa forma o filme sensibiliza, mostra que um ser humano não está pautado apenas no corpo em si, e que o profissional pode trabalha-lo de diversas formas. Revela que a fragmentação do corpo pode ser burlada, passando a ser trabalhado em suas múltiplas dimensões.

A vida humana não é apenas um amontoado de fatos dentro de um contexto, onde nela está introduzido um sujeito. Ela perpassa abstrações que vão além, como esperança, perseverança e amor. E no filme, somos remetidos a questionamentos imensuráveis sobre o direito a vida, aos questionamentos ético/moral, a conduta da equipe médica e as relações que tecemos ao longo da vida.

Além de trazer reflexões sobre os valores pessoais, científicos, amorosos, sobre a coragem e fé, mostra também que diante dos obstáculos e questionamentos muitos tendem a cruzar os braços diante da espera do que foi sentenciado, até mesmo muitos profissionais e usuários de saúde cruzam os braços e se conformam com a realidade dura, nua e crua, dizendo que nada podem fazer a não ser esperar.

Bauby nos mostra que pode haver diferença quando não nos conformamos diante de uma realidade e passamos a lutar e a burlar o que nos foi deliberado, desvelando que sempre há uma brecha, e pode ser nesta que está a colina cujo sol brilhava radiante.

Referências

- AMORA, A. S. **Minidicionário Soares Amora da língua portuguesa**. 10. ed. São Paulo: Saraiva, 2009.
- BRAUNSTEIN, F; PÉPIN, J. F. **O lugar do corpo na cultura ocidental**. Lisboa: Piaget Editora, 1999.
- DAOLIO, J. **Da cultura do corpo**. Campinas, SP: Papirus, 1995.
- FILHO, M. F; GOMES, M. P. Síndrome do Encarceramento (Locked In Síndrome) Registro de um caso de revisão de literatura. **Arq. NeuroPsiquiatria** (São Paulo) Vol. 40, nº3, Set. 1982.
- KRUSE, M. C. V. **Os poderes dos corpos frios: das coisas que se ensinam às enfermeiras**. Tese de Doutorado. UFRGS, 2003.
- MATOSO, L. M. L. A ética e a moral nas relações entre-humanos: resenha crítica do filme "A ilha". **C&D-Revi. Eletr. Fainor**, Vitória da Conquista, v.5, n.1, p. 210-218, jan./dez. 2012.

Recebido em 2013-09-10

Publicado em 2013-11-30